

18

NÚMERO 1



REVISTA
**DIALOGO E
INTERAÇÃO**

ISSN 1275-3687



FACCREI

CONSTRUINDO LEITORES CRÍTICOS: EXPERIÊNCIAS COM O CORTIÇO NO ENSINO MÉDIO

BUILDING CRITICAL READERS: EXPERIENCES WITH O CORTIÇO IN HIGH SCHOOL

Guilherme Magri Magri da Rocha*

Dayane Mussulini**

RESUMO: Investigando o papel da literatura na educação, especialmente no contexto das escolas brasileiras, este estudo aborda a importância de promover leitores críticos e competentes diante dos desafios contemporâneos. Apesar do valor inerente da literatura na promoção do desenvolvimento socioemocional, conscientização cultural e pensamento crítico, a integração da literatura nos currículos educacionais permanece inconsistente e muitas vezes superficial. Focando no caso do sistema escolar SESI-SP, esta pesquisa visa preencher a lacuna entre compreensão teórica e implementação prática, explorando o impacto do engajamento literário significativo, exemplificado pelo estudo de *O Cortiço* (1890) de Aluísio Azevedo (1857-1913) entre estudantes do segundo ano do ensino médio. Utilizando métodos qualitativos, incluindo observação e análise de atividades em sala de aula, o estudo destaca o papel crucial dos educadores como mediadores na facilitação da jornada dos alunos em direção à leitura crítica. As principais descobertas destacam o potencial transformador da literatura na formação de leitores autônomos capazes de navegar pelas complexidades da sociedade contemporânea com discernimento e reflexividade. Essas descobertas contribuem para o debate em andamento dentro da pesquisa educacional ao advogar pela integração da literatura como uma ferramenta transformadora na promoção da cidadania engajada e consciência crítica entre os alunos, abordando assim a urgente necessidade de uma educação literária significativa no cenário educacional moderno.

PALAVRAS-CHAVE: Aluísio Azevedo; Educação Literária; Formação do Leitor; Literatura Brasileira; Literatura e Ensino.

ABSTRACT: Investigating the role of literature in education, particularly within the context of Brazilian schools, this study addresses the importance of fostering critical and competent readers amidst contemporary challenges. Despite the inherent value

* Professor do Serviço Social da Indústria – SESI/CE280. Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/Assis. Membro dos Grupos de Pesquisa “Leitura e Literatura na Escola” e “Literatura juvenil: crítica e história”.

** Professora do Serviço Social da Indústria – SESI/CE280. Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/Assis.

of literature in promoting socio-emotional development, cultural awareness, and critical thinking, the integration of literature into educational curricula remains inconsistent and often superficial. Focusing on the case of the SESI-SP school system, this research aims to bridge the gap between theoretical understanding and practical implementation by exploring the impact of meaningful literary engagement, exemplified through the study of *O Cortiço* (1890) by Aluísio Azevedo (1857-1913) among second-year high school students. Employing qualitative methods, including observation and analysis of classroom activities, the study highlights the crucial role of educators as mediators in facilitating students' journey towards critical literacy. Key findings underscore the transformative potential of literature in nurturing autonomous readers capable of navigating the complexities of contemporary society with discernment and reflexivity. These findings contribute to ongoing discourse within educational scholarship by advocating for integrating literature as a transformative tool in fostering engaged citizenship and critical consciousness among students, addressing the urgent need for meaningful literary education in the modern educational landscape.

KEYWORDS: Aluísio Azevedo; Brazilian Literature; Literary Education; Literature and Teaching; Reader Formation.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a leitura literária desempenha papel crucial na vida humana, uma vez que se apresenta como fonte de entretenimento, informação, cultura, desenvolvimento intelectual e emocional, estímulo à imaginação, entre outros benefícios ligados ao conhecimento e à expressão. Na contemporaneidade, todavia, disputa o espaço com outras formas de lazer e de aprendizagem, por vezes mais instantâneas e massivas, fazendo com o que o hábito de leitura se torne cada vez menos frequente. Como consequência, os produtores de bens de massa detêm o grande público, na medida em que moldam seus gostos e comportamentos, influenciando-o em suas escolhas e os mantendo longe das atividades de leitura, as quais poderiam servir como contraponto ao imediatismo e à superficialidade que esses meios oferecem e, até mesmo, estimulam.

Cabe à escola, nesse sentido, formar leitores que reconheçam a relevância da literatura. Embora esteja presente no sistema educacional brasileiro desde a catequização jesuítica no período colonial, passando pelo aprendizado da gramática, de questões estéticas e historiográficas nos séculos subsequentes, o ensino da literatura não está consolidado no país, tendo em vista a discussão que ainda persiste

acerca de suas abordagens. Em um cenário tão desafiador, com baixo apreço pela leitura em detrimento de inúmeros estímulos cotidianos e fontes de informação diversas, a escola precisa encontrar maneiras de tornar a leitura uma prática significativa na vida dos estudantes, ao mesmo tempo em que fornece a eles as ferramentas necessárias para se tornarem leitores autônomos, críticos e competentes. Para isso, é imprescindível que o professor atue enquanto mediador do processo de leitura, transferindo ao aluno lugar central na compreensão, interpretação e análise do texto literário, de acordo com suas percepções e interesses. Por ser o leitor mais experiente, o professor planeja atividades de mediação, encaminhando o discente com coerência e intencionalidade, mas sem impor sobre ele a sua leitura.

Ressalta-se também que o ensino da leitura não é o mesmo em todas as séries escolares e, embora deva estar presente em todos os níveis, do Ensino Infantil ao Médio, há de se considerar as diferenças etárias e cognitivas. Para Zanchetta Jr. (2015), nesse sentido, os leitores iniciantes partem de atividades descritivas, passando por três estágios, até chegarem às interpretações autônomas.

Ainda que reconheça o lugar de destaque da literatura na formação humana, ao permitir o questionamento do senso comum e a fruição proveniente da leitura, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não estabelece com clareza as diretrizes que enfocam o ensino da literatura nas escolas brasileiras, carecendo de orientações mais específicas, a fim de não correr o risco de se manter práticas tradicionais que visam somente à análise gramatical superficial ou à periodização literária descontextualizada. Alinhada às propostas da BNCC, a rede SESI-SP organiza seu currículo ao redor de expectativas de ensino e aprendizagem, com o intuito de promover uma educação completa e integral do estudante.

No que se refere à literatura, o SESI-SP a compreende como uma ferramenta potente no ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, que vai muito além de análises linguísticas, ao passo que contribui para a formação da criticidade, valorização das diferenças culturais e desenvolvimento socioemocional.

Sob tal perspectiva e com a finalidade de contribuir para a discussão ao redor da formação de leitores críticos e competentes, em vias de conquistar a sua autonomia leitora, apresenta-se a descrição comentada da proposta de leitura do romance O

Cortiço, de Aluísio Azevedo, acompanhada de uma série de atividades realizadas pelos alunos da segunda série do Ensino Médio da escola CE-280 do SESI-SP, de 2023. Observa-se que essa prática permitiu refletir sobre a situação da leitura literária no Brasil, tanto dentro quanto fora da sala de aula, e, por conseguinte, sobre a necessidade de se encontrar maneiras para estimular o apreço pelo texto literário, a fim de alcançar os inúmeros benefícios decorrentes do ato de ler.

1. A leitura literária: desenvolvimento humano e desafios contemporâneos

A leitura literária, como prática cultural e educacional, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento humano, oferecendo uma multiplicidade de benefícios que transcendem as fronteiras do entretenimento. Ao permitir a expansão das perspectivas individuais, a compreensão de distintas realidades e o desenvolvimento de habilidades críticas, a leitura literária emerge como um instrumento indispensável para o enriquecimento intelectual e emocional do ser humano. Nesse contexto, este tópico explora as nuances dessa prática, desde sua relevância individual até seu impacto na formação de uma sociedade reflexiva e culturalmente rica.

Ao enriquecer as experiências individuais, a apreciação da leitura literária demanda estímulo contínuo pelos benefícios que proporciona. Vera Teixeira de Aguiar (2015) enfatiza que tal prática propicia o desenvolvimento da imaginação, a expansão do repertório cultural, a reflexão sobre questões humanas e sociais, além de fomentar o prazer estético. Para a pesquisadora, o engajamento com obras literárias é essencial, pois permite às pessoas explorarem diversas realidades, períodos históricos e culturas, promovendo a empatia e compreensão do mundo ao identificarem-se com personagens de vivências distintas. A leitura literária, ademais, instiga a reflexão crítica, a análise e expressão de ideias, impulsionando o crescimento intelectual e emocional dos leitores.

Incentivar a prática da leitura literária, nesse sentido, é crucial para cultivar o apreço pela literatura, formar leitores críticos e competentes e contribuir para a construção de uma sociedade reflexiva, criativa e culturalmente rica. Através desta

atividade, portanto, as pessoas têm a oportunidade de expandir horizontes, adquirir conhecimento e encontrar formas de entretenimento e enriquecimento pessoal que transcendem o imediatismo e a superficialidade presentes em muitas formas de entretenimento contemporâneas.

Dentro desse contexto, a escola desempenha um papel essencial na formação do leitor, constituindo-se como o espaço propício para a aquisição de habilidades de leitura, desenvolvimento do gosto pela leitura e ampliação do repertório literário. Aguiar (2014) salienta a responsabilidade da escola em promover a leitura ao considerar a correlação direta entre o aumento de leitores e a função da escola como agente impulsionador da leitura. Esta importância da escola na formação do leitor materializa-se em diversas dimensões. A primeira delas é o aprendizado da leitura: a escola assume a responsabilidade de instruir os alunos nas habilidades fundamentais para realizá-la, capacitando-os a dominar o código escrito e desenvolver a capacidade de compreensão e interpretação textual; também o estímulo ao gosto pela leitura: através de práticas de incentivo, tais como atividades lúdicas, contação de histórias, acesso a bibliotecas escolares e promoção de eventos literários. Dessa forma, a escola pode fomentar o interesse pela leitura desde a infância, contribuindo para a formação de leitores entusiastas e críticos.

Além disso, a escola também é responsável pela ampliação do repertório literário ao oferecer acesso a uma diversidade de gêneros e obras literárias, pois possibilita que os alunos explorem diferentes estilos, autores e temas, enriquecendo assim o seu repertório e a experiência de leitura; pelo desenvolvimento de habilidades críticas: através da leitura de textos diversos, essa instituição pode estimular o desenvolvimento de habilidades críticas, tais como a capacidade de análise, interpretação e questionamento das informações, contribuindo para a formação de leitores reflexivos e críticos; e pela formação de leitores autônomos: ao proporcionar experiências significativas de leitura e incentivar a autonomia dos alunos na escolha e exploração de textos, a escola contribui para a formação de leitores autônomos, capazes de buscar e apreciar a leitura de maneira independente (Aguiar, 2015).

Diante disso, a escola tem lugar de destaque na formação do leitor, oferecendo as bases necessárias para o desenvolvimento de habilidades de leitura, estimulando

o gosto pela leitura, ampliando o repertório literário dos alunos e promovendo a formação de leitores críticos e autônomos.

É importante destacar que a ausência de hábito de leitura pode ser manipulada pelos produtores de bens de massa ao influenciarem as preferências e comportamentos do público, explorando a falta de prática da leitura para promover produtos e conteúdos alinhados a outras formas de entretenimento e informação. Ao explorarem o caso da literatura juvenil, Eliane Ferreira e Thiago Valente (2015) apontam que esta é categorizada e definida no mercado editorial com base em diversos critérios, que podem incluir a faixa etária do público-alvo, os temas abordados nas obras, o estilo literário, entre outros aspectos. A categorização da literatura juvenil é importante para que as editoras e livrarias possam direcionar suas publicações para o público adequado e para que os leitores, pais e educadores possam identificar as obras mais adequadas para cada faixa etária e interesse. Portanto, a ausência de hábito de leitura pode ser manipulada pelos produtores de bens de massa ao direcionarem esforços para oferecer alternativas de entretenimento e informação que prescindam da leitura, influenciando as preferências e comportamentos do público e contribuindo para a perpetuação de um "modus vivendi" avesso às letras.

Aguiar (2015) destaca que a força da cultura massiva se amplifica em um contexto em que o material escrito não integra a rotina dos brasileiros, tornando a população suscetível à manipulação pelos produtores de bens de massa. Estes, por sua vez, podem explorar a ausência de hábito de leitura oferecendo alternativas de entretenimento e informação que não demandem leitura, como programas de televisão, filmes, redes sociais, jogos eletrônicos, entre outros. Ao direcionar recursos e estratégias de marketing para esses meios, os produtores conseguem influenciar as escolhas e preferências do público, moldando seus interesses e comportamentos de acordo com as ofertas de entretenimento não relacionadas à leitura.

Além disso, a falta de hábito de leitura pode ser explorada pelos produtores de bens de massa ao concentrarem esforços na produção e disseminação de conteúdos simplificados, superficiais e de fácil consumo, que atendam à demanda por entretenimento imediato e de baixa complexidade. A população sem o hábito de leitura, dessa forma, torna-se mais propensa a se atrair por conteúdos que não exijam

esforço de leitura e interpretação, contribuindo para a manutenção da falta de hábito de leitura.

2. Literatura no contexto escolar: um panorama

Mediada pelo professor, que atua como um elo entre o autor, a obra e os alunos, a leitura literária desempenha um papel crucial no contexto escolar. A comunicação literária, como qualquer ato comunicativo, é influenciada pelo contexto histórico, social e econômico, afetando as motivações do autor, a difusão da obra e as razões do leitor ao consumi-la. Ao ser transferido para a escola, esse esquema ganha contornos institucionalizados, tornando-se, por vezes, autoritário e afastando os alunos da leitura.

Conforme Andréa Portolomeos e Susana Nepomuceno (2022), o ensino de literatura no Brasil tem suas raízes nas práticas jesuíticas, segundo destacado pela pesquisadora Ana Beatriz Cabral. Inicialmente, durante o período em que a Igreja detinha influência, a leitura literária era empregada como instrumento para o aprendizado da língua portuguesa padrão. Com a expulsão da Companhia Jesuíta em 1759, a responsabilidade pelo ensino, incluindo os estudos literários, passou para o Estado. No século XX, a disciplina de literatura ganhou força nos currículos escolares, focando em períodos literários, história das literaturas portuguesa e brasileira, além do reconhecimento de gêneros literários. No entanto, mesmo no século XXI, o processo de consolidação do ensino de literatura não está completamente concluído, como evidenciado por desafios encontrados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que não fornece orientações claras para o ensino da literatura.

De acordo com a análise de Maria Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1988), a deficiência no ensino de literatura é exacerbada por múltiplos fatores. Dentre essas variáveis, destacam-se a carência de uma prática de leitura descompromissada, a ausência de estímulo à criatividade e ao pensamento crítico, a recorrência a fórmulas preestabelecidas e a prevalência do uso de livros didáticos que, por sua vez, frequentemente apresentam textos fragmentados, focalizando-se em questões gramaticais superficiais. As autoras sublinham que, em muitos casos, o texto

literário é meramente instrumentalizado como pretexto para o estudo gramatical, carecendo de uma vinculação efetiva com a experiência de vida do discente.

Benedito Antunes (2015) aponta para o desprestígio social das disciplinas de humanidades, como apontado por Leyla Perrone-Moisés. O descrédito nas potencialidades formadoras do curso de Letras reflete a desvalorização das áreas de humanidades em uma sociedade que prioriza um ensino técnico, reduzindo o estudo da língua ao cumprimento de normas gramaticais. Como consequência, a literatura, que não possui uma aplicação imediata na lógica de mercado capitalista, enfrenta dificuldades, tornando-se, muitas vezes, dispensável nos debates sérios sobre a formação acadêmica. A estética dos textos literários é, então, diluída, e o estudo literário é visto mais como um adorno do que uma parte essencial do ensino.

A partir da década de 1970, dentro das universidades, as análises literárias centradas em critérios sociais e políticos ganharam destaque, e a estética literária foi relegada a segundo plano. Essa mudança resultou em uma abordagem mais sociológica do que estética no estudo da literatura. No entanto, a falta de uma análise estética pode comprometer o tratamento artístico do texto literário nas salas de aula do ensino básico. A desvalorização da teoria literária como área de conhecimento leva a uma formação inadequada de professores, prejudicando a abordagem estética na educação básica. Em um novo contexto de estudos literários, a teoria literária passou a ser desvalorizada sob a alegação de uma suposta ideologia elitista, patriarcal e eurocêntrica. Esse argumento é, por vezes, utilizado para justificar a exclusão da teoria literária no ensino.

Conforme analisa Antunes (2015), entretanto, a desvalorização da teoria literária ignora o potencial dos estudos da teoria da recepção, que se concentram no efeito estético do texto sobre os leitores. Se a literatura é considerada uma arte verbal, é fundamental que o ensino de literatura vá além dos debates culturais, considerando o aspecto estético do texto. O desafio é encontrar um equilíbrio entre a teoria literária, os estudos culturais e a compreensão da estética literária na formação de professores e no ensino básico.

Muitas vezes, o ensino da literatura reflete abordagens críticas históricas, estruturalistas ou centradas no leitor. No entanto, a transição dessas abordagens para

a prática pedagógica ocorre com atraso, resistindo a mudanças significativas. No Brasil, persiste uma ênfase no ensino centrado no autor, evidenciando uma resistência à valorização do momento hermenêutico e à abordagem centrada no leitor.

Destacar o papel do professor como mediador na comunicação literária é essencial. Ao adotar uma abordagem centrada no aluno, o professor deve ser um leitor experiente, guiando os estudantes sem impor sua leitura. Isso cria uma "comunidade hermenêutica", onde a busca coletiva de sentido é fundamental. Valorizar a participação ativa dos alunos na interpretação da obra proporciona uma experiência literária mais rica e significativa. Um componente crucial dessa abordagem é proporcionar aos alunos uma experiência literária plena. Explorar a linguagem literária permite desvendar os jogos e mistérios do texto. Integração entre leitura e produção textual, embora desviando da rotina institucional, é fundamental para enriquecer a experiência literária dos alunos, dando-lhes mais liberdade de escolha e interesse pelo texto literário.

Michèle Petit (2008) destaca a relevância da mediação no processo de leitura, especialmente no contexto dos jovens. Essa mediação refere-se ao papel do mediador, que pode ser um professor, um bibliotecário, um familiar ou qualquer pessoa que oriente e estimule a prática da leitura de maneira significativa. A mediação é vital para criar uma ponte entre o leitor iniciante e o texto, proporcionando uma compreensão mais profunda e enriquecedora. Petit argumenta que a mediação eficaz não apenas ajuda na decodificação das palavras, mas também na interpretação do significado e na conexão das narrativas com a experiência de vida dos jovens leitores. Um exemplo concreto seria um professor que, ao conduzir uma discussão em sala de aula sobre um livro, guia os alunos na análise de personagens, temas e contextos históricos. Essa abordagem facilita uma compreensão mais ampla e crítica da obra, incentivando os jovens a explorarem diferentes camadas de significado. A mediação bem realizada não apenas promove o prazer pela leitura, mas também contribui para o desenvolvimento da capacidade analítica e interpretativa dos jovens leitores.

O desafio, conforme Antunes (2015), reside em evitar práticas rotineiras que possam cristalizar a abordagem da literatura, enfatizando o potencial criativo da linguagem. Propostas de integração dinâmica entre língua e literatura, como sugerido

por Lígia Chiappini, e estímulos à exploração lúdica da linguagem, são caminhos promissores para revitalizar o ensino da literatura na escola. Essas práticas podem contribuir para formar leitores críticos e participativos, resgatando o poder libertador e humanizador da literatura, mesmo diante dos desafios impostos pela cultura contemporânea da imagem e velocidade.

Considerando o panorama da leitura no Brasil, evidenciado pela pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil" conduzida pelo Instituto Pró-Livro em 2012, destacaremos, no próximo segmento, a necessidade de abordagens pedagógicas que atendam aos desafios identificados, como a lacuna persistente na formação de leitores e as peculiaridades encontradas no contexto escolar.

3. Desenvolvendo leitores críticos: desafios e perspectivas no contexto brasileiro

O Instituto Pró-Livro em 2012 conduziu a pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil" para analisar a dinâmica da leitura na população brasileira, abordando intensidade, formas, motivações e condições. Alarmantemente, 47% dos entrevistados em 2011 não associaram a leitura ao sucesso profissional, evidenciando a persistente lacuna na formação de leitores pela escola brasileira, apesar de ações governamentais.

Conforme Eliane Ferreira, Lucas Stringuetti e Rafaela Longo (2018), desde os anos 1990, observam-se transformações no apreço pela leitura, especialmente na produção literária destinada a jovens, incorporando romances ficcionais e memorialistas que destacam aspectos da história nacional e exploram conflitos entre razão e imaginação. Essas mudanças refletem a evolução cultural do país e se materializam na distribuição de acervos pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que desde 1997 busca democratizar o acesso a obras literárias nas escolas públicas. Apesar de iniciativas como o PNBE serem cruciais para fomentar a leitura nas escolas públicas, dados do Enem 2014 revelam um desafio persistente. Embora os alunos de escolas federais apresentem as maiores médias nas avaliações, aproximadamente 8,5% dos candidatos zeraram na redação. Surge, então, a

indagação sobre a relação entre esse resultado e os hábitos de leitura desses candidatos, suscitando questões sobre as possíveis causas desse fenômeno.

Contrapondo a ideia de que os brasileiros não gostam de ler, Márcia Abreu, com base no Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF) de 2001, destaca que 67% dos entrevistados afirmaram gostar de ler, indicando um interesse significativo. Ela sugere que, ao invés de incentivar a leitura, o foco deve ser o acesso à educação escolar, citando uma relação direta entre escolarização e apreço pela leitura. Além disso, Márcia Abreu enfatiza a necessidade de ampliar as redes de bibliotecas, redefinindo sua função não apenas como locais para tarefas escolares, mas como espaços de leitura. A construção de acervos diversificados, que incluam tanto materiais educacionais, quanto obras de entretenimento, profissionais e religiosas, é apontada como um caminho para democratizar efetivamente o acesso à leitura no Brasil (Ferreira; Stringuetti; Longo, 2018).

Como vimos, a escola, historicamente, ocupou papel de destaque na difusão da literatura, proporcionando a muitos leitores o primeiro contato com o texto literário. No entanto, o prestígio da literatura tem declinado nos currículos escolares, levando a esforços por parte de professores e instituições para manter sua presença. As tentativas de instrumentalização da literatura, seja vinculando-a a outras disciplinas ou formas artísticas, têm resultado na diminuição da importância atribuída à linguagem literária. A queda desse enfoque pode comprometer a formação dos alunos, considerando que a escola é um local privilegiado para a criação e manutenção do leitor.

A crise no ensino literário, embora apresente desafios, destaca a necessidade de buscar novos paradigmas para a transmissão da literatura. Teoricamente, ela é reconhecida como uma experiência estética relevante e formadora do homem. Autores como Roland Barthes e Antonio Candido enfatizam a importância da literatura no desenvolvimento humano, considerando-a um campo completo de saber que expressa e atua na formação do homem. Apesar das ênfases teóricas positivas, observa-se uma dificuldade prática em implementar essas convicções. O risco de ensinar sobre a literatura, em vez de permitir a experiência direta com as obras, nessa perspectiva, é apontado como uma ameaça, especialmente no ambiente escolar. A

necessidade de mediadores de leitura preparados torna-se, então, evidente para garantir a leitura da obra literária como geradora de sentido, conforme proposto por estudiosos como Tzvetan Todorov (Ferreira, 2003).

A crise nas licenciaturas, a falta de valorização da profissão de professor e o desinteresse dos jovens por carreiras na área de humanidades, entretanto, ampliam o desafio. Dessa forma, no contexto escolar, a leitura literária por parte dos alunos frequentemente apresenta características específicas que requerem atenção. Em muitos casos, os estudantes enfrentam dificuldades na leitura global da narrativa, concentrando-se nas ações ou dramas centrais e negligenciando aspectos mais amplos. Outra tendência comum é a dependência excessiva das ilustrações, tornando-as determinantes para a compreensão da obra, o que pode limitar a apreciação do texto em si (Ferreira; Zanchetta Jr., 2015).

Eliane Ferreira e Juvenal Zanchetta Jr. (2015), ademais, observam uma preferência pelo caminho delineado pelo narrador, relegando outros elementos narrativos a segundo plano. As personagens centrais são visualizadas de maneira isolada, enquanto a dificuldade em perceber o encadeamento temporal e a ação do tempo e do espaço na narrativa é evidente. O recurso à experiência pessoal para interpretar a história e a modificação do espaço e estatuto das personagens também são comuns. Essas características, embora não uniformes para todos os leitores, especialmente os escolares, indicam os estágios iniciais da interação do leitor com a literatura. Importante notar que tais reações podem levar a uma possível distância do aluno em relação aos livros ao avançar em sua escolarização.

Para os autores, contudo, essas características também representam os primeiros passos no desenvolvimento do leitor. Embora a leitura efetiva envolva reações individuais e subjetivas, os professores têm um papel crucial em influenciar esse processo. Por exemplo, podem valorizar as descobertas dos jovens leitores, orientando-os para uma leitura mais profunda e enriquecedora. Dentro desse contexto, as atitudes do leitor diante do texto literário desempenham um papel fundamental. Desde a memorização, passando pela compreensão, identificação, imaginação e exploração, essas etapas delineiam um percurso de amadurecimento

do leitor. Na sala de aula, o professor pode, portanto, utilizar essas fases como guia para desenvolver atividades que estimulem diferentes aspectos da leitura.

Ao considerar os estágios sugeridos de leitura, desde uma abordagem descritiva até a autonomia na interpretação, os professores podem avaliar o progresso dos alunos ao longo do tempo. Destaca-se também o papel crucial da memorização na compreensão, indicando que estratégias que promovam a retenção de informações podem ser estrategicamente empregadas para aprofundar a apreciação e compreensão das obras literárias. No processo de leitura literária entre jovens iniciantes, Zanchetta (2004) propõe um percurso de três estágios, fundamentado nas atitudes de Escarpit e Vagné-Lebas: o primeiro estágio caracteriza-se pela leitura com predominância descritiva, em que os leitores iniciantes focalizam aspectos específicos das ilustrações, interpretando-as como retratos "fechados". A compreensão da história, nesse ponto, é fortemente ancorada nas imagens, podendo resultar em interpretações limitadas e equivocadas; no segundo estágio, a leitura assume uma predominância da paráfrase. Aqui, os leitores iniciantes avançam para além da descrição, dominando a narrativa ao nível da paráfrase. As ilustrações são percebidas como "janelas" que inspiram os leitores a reconstruir mentalmente as cenas retratadas. Embora esses leitores possam identificar intuitivamente os elementos-chave da história, há uma propensão ao achatamento temporal, com as situações narradas tendendo a ter uma "duração" similar.

No terceiro estágio, por sua vez, alcança-se a leitura autônoma, sugerindo que os leitores iniciantes atingiram um domínio pleno da narrativa original. Aqui, não apenas reconhecem e compreendem a história linear, mas também são capazes de sugerir desdobramentos além das ilustrações. A leitura autônoma é marcada por uma interação sofisticada, em que o leitor consegue estabelecer inferências, completar a história e suscitar novas interpretações. As ilustrações, nesse estágio, atuam como pontos de referência, integrando-se harmoniosamente à narrativa mais ampla. Esses estágios oferecem uma estrutura para compreender a progressão na capacidade de leitura literária entre os jovens iniciantes, delineando uma evolução desde uma abordagem descritiva até uma leitura mais autônoma e interpretativa. Essa

perspectiva contribui para a compreensão do desenvolvimento da competência literária nas fases iniciais da formação de leitores.

A literatura desempenha um papel central na formação educacional, indo além das fronteiras das disciplinas específicas. Michèle Petit (2008) ressalta a importância do acesso a múltiplas linguagens e narrativas como elemento fundamental no desenvolvimento do hábito de leitura entre os jovens. Ela argumenta que a diversidade de linguagens presentes na sociedade contemporânea, que inclui não apenas a escrita, mas também elementos visuais, sonoros e digitais, oferece uma ampla gama de possibilidades para a promoção da leitura.

Por sua vez, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece essa importância ao integrar a literatura em distintos segmentos, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Este elo entre a literatura e a BNCC destaca-se especialmente no Sistema SESI-SP de Ensino, que adota uma abordagem inclusiva. Ao explorar as competências gerais de linguagens propostas pela BNCC, o SESI-SP destaca a literatura como uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento integral dos estudantes, promovendo não apenas o domínio linguístico, mas também habilidades críticas, culturais e socioemocionais, como veremos a seguir.

4. Literatura na educação: reflexões sobre a BNCC e a Abordagem do SESI-SP

Como vimos, a literatura assume uma posição significativa no âmbito educacional, extrapolando a mera leitura em disciplinas específicas, como a Língua Portuguesa. Presente em distintos segmentos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a literatura é abordada de maneira abrangente, ressaltando sua importância na formação completa dos alunos, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. A BNCC, enquanto documento normativo, visa estabelecer aprendizados essenciais, levando em consideração a diversidade regional e metodológica das instituições de ensino.

No contexto da BNCC, a literatura é incorporada à terceira Competência Geral da Educação Básica, incentivando a valorização e apreciação das manifestações

artísticas e culturais, proporcionando aos alunos o contato com obras literárias de diferentes regiões, culturas e épocas. O documento reconhece a importância das práticas literárias no ambiente extraescolar, promovendo o aprendizado em consonância com as possibilidades tecnológicas contemporâneas. No âmbito do Ensino Médio, especificamente, a literatura se aproxima do componente curricular "Arte" dentro da área de Linguagens. A BNCC busca desenvolver leitores-fruidores, capacitando os alunos a compreenderem a complexidade das obras em seus contextos históricos, sociais e ideológicos. O enfoque na formação de leitores críticos, capazes de interagir e dialogar com as obras, destaca a literatura como instrumento de transformação social.

Conforme explicam Micheline Lage e Flávia Santos (2023), a Reforma do Ensino Médio e a versão final da BNCC refletem a complexa realidade política do Brasil, permeada por uma crise democrática e um avanço de agendas conservadoras. A BNCC, como documento normativo, materializa uma perspectiva neoliberal ao promover a flexibilidade curricular, embora teoricamente focada em competências e habilidades. Essa abordagem, orientada por interesses empresariais, resultou na eliminação de disciplinas fundamentais, como filosofia, sociologia, arte e educação física, enquanto a abertura ao setor privado ameaça aprofundar a desigualdade entre a educação pública e privada. Homologada em 2018, a BNCC destaca-se por sua ênfase em competências, mas a implementação enfrenta desafios, incluindo a falta de diretrizes específicas para o ensino de literatura, o que pode perpetuar práticas tradicionais e disparidades no acesso a diferentes manifestações culturais e literárias.

A BNCC ressalta a abordagem competencial, mas enfrenta desafios em sua implementação, especialmente no tocante ao ensino de literatura. A flexibilidade curricular, orientada por interesses empresariais, resultou na supressão de disciplinas cruciais e na ameaça de ampliação das disparidades entre a educação pública e privada. Apesar das diretrizes que valorizam a diversidade, a BNCC carece de orientações específicas para o ensino de literatura, o que pode perpetuar práticas pedagógicas tradicionais e acentuar as desigualdades no acesso a diferentes manifestações literárias e culturais. O desafio de enfrentar questões críticas, como a inversão da periodização literária, permanece, requerendo uma abordagem mais

proativa para efetivar a BNCC como instrumento de construção de uma educação mais equitativa e integral (Lage; Santos, 2023).

Por sua vez, o SESI-SP, conforme se percebe em seu currículo (2024), visa à formação integral dos estudantes, capacitando-os para uma atuação autônoma e crítica na sociedade. Ao explorar os fundamentos teórico-metodológicos que orientam o currículo, destaca-se a concepção educativa baseada em ensino, aprendizagem e pesquisa. O diálogo constante entre professores e estudantes é reconhecido como essencial para a construção social do conhecimento. No que tange à organização curricular, o SESI-SP segue as diretrizes da BNCC, com uma nomenclatura que simplifica a apresentação, focando no Ensino Fundamental como agrupamento de áreas. As expectativas de ensino e aprendizagem são claramente delineadas por etapa escolar, visando evidenciar a integração entre a intenção do docente e o desenvolvimento progressivo dos saberes pelos estudantes.

No contexto da Língua Portuguesa, a abordagem literária é evidenciada por meio de expectativas que englobam análise crítica de interesses jornalísticos, produção de textos noticiosos, interações em eventos culturais, avaliação de obras literárias e exploração de relações de intertextualidade. A proposta contempla uma visão ampla e contemporânea da literatura, incorporando elementos digitais e reconhecendo a diversidade cultural. O SESI-SP destaca a importância de uma abordagem em espiral, onde temas literários podem ser revisitados com diferentes níveis de aprofundamento ao longo da escolaridade, refletindo a ideia de Jerome Bruner. A literatura é compreendida como um meio para desenvolver competências e habilidades que transcendem as fronteiras da sala de aula, contribuindo para a formação integral dos estudantes.

As competências estabelecidas para o Ensino Médio em Língua Portuguesa oferecem uma visão ampla e abrangente das múltiplas linguagens presentes na sociedade contemporânea. Essa perspectiva integral das competências gerais de linguagens pode ser associada de maneira significativa à literatura, estabelecendo uma conexão rica entre a disciplina de Língua Portuguesa e o universo literário. A primeira competência destaca a compreensão das diversas linguagens como fenômenos históricos, culturais e expressões heterogêneas. A literatura, como

manifestação linguística que transcende o verbal, permite aos estudantes explorar essa diversidade, interpretando criticamente a realidade por meio de obras que utilizam diferentes formas de linguagem.

Por sua vez, a segunda competência incentiva a exploração de diversas práticas de linguagem em projetos autorais. A literatura, como prática linguística artística, oferece oportunidades para os alunos desenvolverem projetos individuais e coletivos, expressando-se e atuando de maneira ética, crítica e respeitosa na sociedade por meio da criação literária. Já a terceira competência destaca o reconhecimento e valorização do patrimônio cultural. A literatura é um componente crucial desse patrimônio, local, regional e mundial. O estudo de obras literárias permite aos alunos apreciar as contribuições culturais presentes na diversidade de narrativas, fortalecendo a consciência socioambiental por meio da literatura.

A quarta competência ressalta a compreensão e utilização das linguagens nas interações sociais. A literatura, ao ser analisada e discutida, proporciona prática em argumentação, reflexão e diálogo, respeitando diferentes perspectivas e promovendo a consciência dos direitos humanos e do meio ambiente. Por fim, a quinta competência estimula a exploração ética das tecnologias de informação e comunicação. A literatura, mesmo diante das transformações tecnológicas, permanece como um meio valioso para explorar e utilizar essas tecnologias de maneira ética, reflexiva e criativa na produção e compartilhamento de sentidos literários.

Essas competências destacam a literatura como uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento integral dos alunos, proporcionando uma compreensão interconectada do papel da linguagem na sociedade e na construção de significados. A literatura não é apenas um objeto de estudo; é uma expressão rica das complexidades linguísticas e sociais, enriquecendo o aprendizado ao oferecer uma perspectiva profunda e contextualizada do mundo.

Assim, o currículo do SESI para o Ensino Médio, ao abordar as expectativas de ensino e aprendizagem em Língua Portuguesa, destaca-se por proporcionar aos estudantes uma formação completa que engloba não apenas o domínio linguístico, mas também a capacidade crítica e cultural. No centro dessas expectativas, evidenciam-se competências específicas que ampliam o repertório linguístico dos

estudantes, ao mesmo tempo em que os instigam a explorar e compreender profundamente o mundo ao seu redor.

A expectativa identificada como EM.FGB.LP.19 (Jornalismo e Mídia), por exemplo, desafia os estudantes a não apenas consumir informações jornalísticas, mas a se tornarem críticos conscientes desse universo. Eles são orientados a analisar os interesses que permeiam o campo jornalístico, reconhecendo nuances de parcialidade e imparcialidade em textos noticiosos. Ao explorar temas como a pós-verdade e a disseminação de fake news, os alunos desenvolvem habilidades essenciais, tais como a comparação, checagem de fatos e a habilidade de minimizar o impacto de bolhas informativas, contribuindo para uma curadoria consciente e crítica de informações.

Já a competência EM.FGB.LP.21 (Expressão Literária) direciona os estudantes para a expressão oral e escrita dos sentidos construídos na leitura de textos literários. Além de exercitar a escuta ativa, a expectativa valoriza as divergências opinativas como um meio de aguçar a perspectiva crítica dos estudantes. Essa abordagem não apenas fortalece as habilidades de comunicação, mas também estimula a construção de argumentos fundamentados e a apreciação das diversas interpretações presentes no universo literário.

Por sua vez, ao explorar EM.FGB.LP.23 (Literatura Brasileira e Portuguesa), os estudantes são desafiados a não apenas absorver passivamente informações sobre obras literárias, mas a se envolverem ativamente na análise crítica. A avaliação de assimilações, rupturas e permanências no processo de constituição da literatura brasileira e portuguesa oferece aos alunos uma compreensão mais profunda da historicidade das matrizes e procedimentos estéticos. Essa abordagem contribui para uma apreciação mais rica e contextualizada das obras literárias.

A competência EM.FGB.LP.25 (Literaturas Diversas) incentiva os estudantes a ampliarem seus horizontes literários, explorando obras significativas de diversas literaturas, como a portuguesa, indígena, africana e latino-americana. O reconhecimento de diferentes matrizes culturais e a análise de como essas obras dialogam com a contemporaneidade proporcionam uma compreensão mais ampla e interconectada da diversidade cultural por meio da literatura.

Finalmente, a expectativa EM.FGB.LP.26 (Produção Autoral) estimula a criatividade e a expressão pessoal dos estudantes. Ao produzirem obras autorais em diferentes formatos, como resenhas, vlogs e podcasts literários, os alunos não apenas aplicam os conhecimentos adquiridos, mas também dialogam crítica ou subjetivamente com o texto literário. Isso não só fortalece suas habilidades de expressão, mas também os capacita como participantes ativos na produção cultural contemporânea.

Essas expectativas não apenas refletem um compromisso com a excelência acadêmica, mas também preparam os estudantes para desafios complexos no mundo atual, promovendo uma compreensão profunda e crítica da linguagem e da literatura, e estimulando a expressão criativa e autorial.

Isto posto, podemos dizer que o currículo do SESI para o Ensino Médio está alinhado e integrado às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no que diz respeito ao ensino de literatura, especialmente no desenvolvimento da leitura literária. No contexto da BNCC, a literatura é destacada como um componente crucial para o desenvolvimento da terceira Competência Geral da Educação Básica. Essa competência aborda a valorização e apreciação das manifestações artísticas e culturais, reconhecendo a literatura como uma expressão fundamental desse cenário. O SESI, ao incorporar essas diretrizes, promove o contato dos alunos com obras literárias diversas, provenientes de diferentes regiões, culturas e épocas. Isso contribui significativamente para a formação de leitores críticos, capazes de compreender a complexidade das obras em seus contextos históricos, sociais e ideológicos.

A BNCC, ao incluir a literatura no componente curricular "Arte" dentro da área de Linguagens, destaca a importância de desenvolver leitores-fruidores. Essa abordagem se alinha com o compromisso do SESI em formar alunos capazes não apenas de decodificar textos, mas de interagir ativamente com as obras literárias. O foco na formação de leitores críticos, que dialogam e refletem sobre as obras, reforça a literatura como um instrumento de transformação social.

A BNCC também reconhece e incentiva a integração das práticas digitais na leitura literária, promovendo atividades como postagem de comentários em redes

sociais, criação de vídeos, playlists e outras formas de expressão. O SESI, ao incorporar essas práticas, reconhece a importância de alinhar o ensino de literatura com as possibilidades tecnológicas contemporâneas, tornando o processo de aprendizagem mais atrativo e relevante para os estudantes.

Além disso, a formação de leitores-fruidores, conceito enfatizado pela BNCC, destaca a importância da literatura como meio de questionar o senso comum, promover o pensamento crítico e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. O SESI, ao adotar essa perspectiva, reforça seu compromisso em preparar os estudantes não apenas academicamente, mas também para desempenharem papéis ativos e conscientes na sociedade.

A abordagem da literatura pelo SESI, em conformidade com a BNCC, não apenas enriquece o repertório cultural dos alunos, mas também estimula habilidades socioemocionais, como a empatia. Ao imergir nos universos ficcionais, os estudantes desenvolvem-se integralmente, preparando-se para os desafios do século XXI. Portanto, a BNCC, ao reconhecer a literatura como elemento central na educação, encontra eco nas práticas educacionais do SESI, destacando sua relevância na construção de uma sociedade mais consciente, crítica e aberta à diversidade.

5. Leitura literária na prática: promovendo a aproximação entre livro e leitor

Embasadas em expectativas de ensino e aprendizagem institucionais da rede SESI-SP, as aulas de Língua Portuguesa são planejadas a partir de experiências de aprendizagem que possibilitem aos estudantes alcançar os objetivos pretendidos. Entendendo a importância da leitura literária na formação do cidadão crítico e reflexivo, do leitor autônomo e competente e do ser humano capaz de lidar com suas próprias emoções e de outrem diante da diversidade e de desafios contemporâneos, é escolhido, juntamente com os alunos, um título para cada etapa do ano escolar. Em um primeiro momento, são apresentadas as sugestões de leitura, contando com pequenas sinopses do enredo, bem como breves comentários acerca do autor e do contexto sócio-histórico da obra, realizados pelo(a) professor(a), entendido(a), dessa forma, como o mediador e curador do processo de ensino e aprendizagem. Na

sequência, os estudantes selecionam as obras que serão lidas por todos. Para o segundo semestre de 2023, a segunda série do Ensino Médio da unidade CE-280 optou pela leitura de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo.

No material didático dessa série constam alguns trechos do romance e de análises críticas da obra. Concomitante a leitura empreendida pelos alunos, que se deu em grande parte de modo independente, fora do horário escolar, realizamos em sala de aula as atividades propostas no livro didático, a fim de fomentar discussões e estimular o interesse pela leitura integral da narrativa. No geral, debatemos sobre conflitos socioeconômicos e culturais; por exemplo, ao relacionarmos a precariedade de moradia dos cortiços do século XIX com o as favelas da atualidade, que tanto na época do romance quanto hoje em dia coexistem com habitações luxuosas, escancarando a desigualdade social brasileira presente desde a colonização. Outros pontos debatidos diziam respeito à (des)valorização da cultura popular brasileira, como o samba e a capoeira; ao machismo e outras questões de gênero ali presentes e à associação do romance ao movimento literário Naturalismo, enfatizando as correntes científico-filosóficas então em voga, como o positivismo, determinismo e darwinismo social, buscando estabelecer associações, rupturas e permanências com outras escolas literárias já conhecidas deles.

Com o intuito de auxiliar os alunos no desenvolvimento da leitura, a professora elaborou um *planner*, contendo algumas questões para serem respondidas, individualmente, ao término de cada capítulo ou conjunto de dois capítulos. As perguntas giravam em torno da observação tanto de aspectos narrativos e estéticos, com a análise e interpretação de ações, personagens, narrador, tempo e espaço, quanto de elementos externos à obra, como o reconhecimento e associação ao contexto sócio-histórico de produção. Ainda, os estudantes puderam anotar suas inferências, hipóteses e opiniões. Na data combinada, eles levaram seus registros para socializar com a turma toda. Tiveram a oportunidade, dessa maneira, de escolher os pontos que mais chamaram a sua atenção para debater, de modo que outros colegas completassem, refutassem ou reafirmassem suas ideias. Em decorrência disso, estabeleceu-se uma "comunidade hermenêutica", na qual os sentidos de leitura

foram se construindo na coletividade, tornando a leitura, por sua vez, uma experiência mais significativa e rica, centrada nas percepções dos estudantes.

Também durante essa leitura, com a finalidade de proporcionar mais momentos de interação com a obra, bem como de contribuir para a formação da criticidade e a educação midiática, na medida em que se faz uso de ferramentas digitais com respeito, reflexão e cidadania, para cada estudante da turma foi sorteado o nome de uma das personagens de *O Cortiço*. A partir de então, o aluno deveria confeccionar um perfil na rede social Instagram como se pertencesse à personagem correspondente (Fig. 1). Combinamos que as situações poderiam ser atualizadas, como se a narrativa ocorresse na contemporaneidade e que os conteúdos deveriam ser publicados mantendo a coerência com os acontecimentos da narrativa e de acordo com a leitura individual (Fig. 2 e 3). Todos os estudantes precisavam interagir com as contas criadas, a fim de desenvolver habilidades socioemocionais e comunicativas. No final desse percurso, montamos um mural na escola com algumas das publicações realizadas pelos alunos (Fig. 4), como forma de divulgação não só do trabalho, como também do romance, colaborando para a formação indireta de outros leitores.



Fig. 1 – Perfil referente à personagem Pombinha durante a trajetória de leitura de *O Cortiço*.



Fig. 2 – Publicação referente à personagem Jerônimo, no início da leitura de *O Cortiço*.



Fig. 3 – Publicação referente à personagem Jerônimo, no meio da leitura de *O Cortiço*.



Fig. 4 – Mural para divulgação dos perfis com as personagens de *O Cortiço*, elaborado pelos alunos da segunda série do Ensino Médio da Escola SESI CE-280.

Percebe-se que, desde a proposição das atividades, os estudantes se demonstraram engajados e interessados na leitura de *O Cortiço*, em grande parte devido à possibilidade de interagir com a obra usando uma rede social tão presente em seu cotidiano. É importante ressaltar, todavia, que o uso do ambiente digital não ficou restrito à sua função enquanto recurso, mas, ao contrário, permitiu a ocorrência de uma educação midiática na medida em que as situações proporcionavam aprendizagens para atuar nesse cenário desafiador. Por exemplo, em dado momento, uma das contas, aquela correspondente à personagem Alexandre, sofreu bloqueio preventivo da própria plataforma. Deu-se início, em sala de aula, a um profícuo debate sobre as razões de tal acontecimento. Como o perfil pertencia, na ficção, a um policial, o aluno teve o cuidado de selecionar imagens que ilustrassem a sua interpretação acerca dessa profissão, aliada aos desdobramentos da personagem dentro do romance. Nesse sentido, em alguns casos, as publicações contavam com a presença

de armas ou de outros conteúdos que são proibidos pelas políticas de uso do *Instagram*. Discutiu-se, portanto, a necessidade de existir normas e termos de privacidade, questões éticas relacionadas às publicações e outras problemáticas decorrentes da vivência em rede no século XXI.

A atualização das personagens e das ações ocorridas no livro para os dias de hoje, por sua vez, permitiu aos estudantes mais instantes de identificação e, por conseguinte, do desenvolvimento da empatia, ao colocar-se no lugar do outro, representando personalidades, preferências, conquistas, perdas e lutas que ora se assemelhavam ora divergiam de sua realidade. Observa-se que, com isso, o entendimento da obra como um todo torna-se mais significativo e as associações com o século XIX, mais palpáveis para os discentes, pois muitas vezes é perceptível a dificuldade de abstração, mesmo nessa idade escolar, para refletir e pensar em circunstâncias que lhe parecem distantes. Essa aproximação dos estudantes a um contexto, temporalmente diferente, mas que guarda muitas semelhanças socioeconômicas, políticas e culturais, também faz com que eles se sintam mais confiantes para levantar hipóteses, realizar inferências e emitir opiniões sobre a narrativa. Cabe ao professor, enquanto mediador desse processo, encaminhar as reflexões e discussões com coerência, aprofundando o debate e garantindo que as aprendizagens ocorram de modo integral e equitativo.

CONCLUSÃO

Para além do prazer estético e do entretenimento, a literatura proporciona inúmeros benefícios ao ser humano, como o desenvolvimento de competências socioemocionais, na medida em que permite o exercício da empatia; a ampliação de repertórios linguísticos e culturais, ao analisar novas formas de dizer e viver; a construção da criticidade, quando se reflete sobre diferentes pontos de vista; e o estímulo à imaginação, ao entrar em contato com possibilidades ilimitadas do pensar e sentir. Em um mundo repleto de informações que exigem respostas prontas e instantâneas, a leitura literária é desestabilizadora, pois pressupõe um ritmo único e subjetivo. Cabe à escola, espaço de democratização do acesso ao conhecimento,

portanto, não só apresentar a leitura literária, como também promover aprendizagens a fim de formar leitores competentes e críticos, capazes de exercer a cidadania com respeito e reflexão e de lidar com os desafios da contemporaneidade tanto no espectro individual quanto social.

Apesar de todo prestígio – em declínio – ao redor da literatura, não é novidade que, muitas vezes, ela é entendida como objeto pertencente a uma elite cultural. Sua circulação, nesse sentido, quase sempre, restringe-se à esfera acadêmica e a grupos privilegiados economicamente, fazendo com que o grande público se ocupe de outras fontes de entretenimento e de informação. Como consequência dessa ausência de leitura, a população torna-se mais suscetível a ser manipulada pelos produtores de bens de massa, que moldam as preferências e decisões de seus consumidores de acordo com interesses capitalistas.

É por isso que, embora o ensino de literatura não seja ainda ponto pacífico no Brasil, é fundamental que o sistema educacional do país busque maneiras para que a sua incorporação não aconteça apenas dentro da sala de aula, mas que faça parte da vida do brasileiro. Convencer um estudante, sobretudo na fase da adolescência, como o caso daqueles que cursam o Ensino Médio, sobre a importância da leitura literária não se apresenta como tarefa fácil, tampouco passível de receitas prontas e respostas imediatas.

Sob tal perspectiva, acredita-se que aproximar as obras literárias da realidade do estudante é uma das estratégias que auxiliam no engajamento e no aumento do interesse para a leitura. A partir dela, o desdobramento de questões e discussões sociais e culturais relevantes dão conta de mantê-lo estimulado. Quanto mais leituras e possibilidades são ofertadas ao aluno, mais chances ele terá de perceber a riqueza cultural e intelectual decorrentes do ato de ler. Para isso, o professor desempenha o seu papel de mediador entre o livro, os leitores e o autor, desenvolvendo atividades que visam à formação do leitor crítico, competente e autônomo, capaz de realizar a curadoria de suas próximas leituras, levando em consideração suas preferências e reconhecendo a participação do texto literário no desenvolvimento de sua cidadania e criticidade.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, V. T. A. A formação do leitor. In: FERREIRA, E. A. G. R. F. et. al. (Orgs.). *Formação de Mediadores de Leitura: módulos 1 e 2*. Assis: ANEP – Associação Núcleo Editorial Proleitura, 2015.
- AGUIAR, V. T.; BORDINI, M. G. *Literatura: a formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- ANTUNES, B. O ensino da literatura hoje. *Fronteiras* (São Paulo), v. 14, p. 3-17, 2015.
- AZEVEDO, A. *O Cortiço*. São Paulo: SESI-SP, 2015.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Proposta preliminar. 2. versão rev. Brasília: Centro Gráfico, abr. 2016.
- CURRÍCULO do SESI-SP. Linguagens. Ensino Fundamental e Médio. São Paulo: Sesi, 2024.
- FERREIRA, E. A. G. R. *A Leitura dialógica e a formação do leitor*. 2003. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis.
- FERREIRA, E. A. G. R.; STRINGUETTI, L. M. V. G.; LONGO, R. M. O discurso feminino na biblioteca escolar: análise da obra *No lugar do coração*, de Sonia Junqueira In: Debus, Eliane; Bazzo, Jilvania Lima dos Santos; Bortolotto, Nelita (orgs.). *Poesia (cabe) na escola: por uma educação poética*. Campina Grande: EDUFPG, 2018, p. 67-92.
- FERREIRA, E. A. G. R.; VALENTE, T. A. A literatura no contexto de mercado: aspectos norteadores da produção juvenil. In: FERREIRA, E. A. G. R. F. et. al. (Orgs.). *Formação de Mediadores de Leitura: módulos 1 e 2*. Assis: ANEP – Associação Núcleo Editorial Proleitura, 2015.
- FERREIRA, E. A. G. R.; ZANCHETTA Jr., J. O trabalho com a literatura infantil em âmbito escolar. In: FERREIRA, E. A. G. R. F. et. al. (Orgs.). *Formação de Mediadores de Leitura: módulos 1 e 2*. Assis: ANEP – Associação Núcleo Editorial Proleitura, 2015.
- LAGE, M. M.; SANTOS, F. N. A Literatura na BNCC na Etapa do Ensino Médio: Avanços e Retrocessos. *e-Curriculum*, São Paulo, v. 20, n. 4, out./dez 2022.
- PETIT, M. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: 34, 2008.



<https://www.faccrei.edu.br/revista>

PORTOLOMEOS, A.; NEPOMUCENO, S. V. R. O ensino da leitura literária na escola básica: perspectivas e desafios a partir da BNCC. *Linha D'Água*: São Paulo, v.35, n.01, p.4-20, jan. -abr. 2022.

ZANCHETTA Jr., J. Uma situação de leitura de narrativa por imagens em sala de aula. In: FARIA, M. A. *Como Usar a Literatura Infantil na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

201

Recebido em: 07/06/2024.

Aprovado em: 07/08/2024.